



//Sociedade

PERFIL

Nome
Rui Reis
Profissão
Cientista

Percurso

Rui Reis tem 46 anos, é vice-reitor para a Investigação da Universidade do Minho e foi o fundador do grupo de 3B's (biomateriais, biodegradáveis e biomiméticos), o

“Somos financiadores líquidos da ciência dos outros países”

O diretor do grupo 3B's, um dos melhores centros de investigação na Europa e galardoado recentemente com o chamado “Óscar dos biomateriais”, diz que a tendência da centralização do financiamento da ciência continua e está a tornar-se mais perigosa.

Como tem acompanhado a turbulência em torno do financiamento da ciência?

É preocupante que tenha sido cortado o número de bolsas de forma tão brutal sem discussão com a comunidade científica.

O Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia pediu uma auditoria ao concurso de bolsas da FCT, está de acordo?

Concordo. Houve muitas coisas discutíveis, a começar na qualidade dos painéis de avaliação, que não foram escolhidos pela qualidade dos currículos. Houve situações incríveis de pessoas que nunca tinham estado num painel de avaliação a coordenar um.

O Ministério anunciou mais 12 milhões para as bolsas da FCT, isso pode ser assumir um erro?

O MEC e a FCT nunca vão admitir que erraram, nem na avaliação nem no exagerado corte no número de bolsas. Mas este recuo, que só lhes fica bem e é claramente útil para a ciência portuguesa, acho que fala por si!

Com um ministro que é um cientista reconhecido, como pode haver falhas destas a apontar?

O ministro não é um cientista reconhecido. Era um cientista mediático que fazia coisas muito interessantes na divulgação científica. Nunca apareceu porque ganhou um prémio ou por ter sido diretor de um laboratório relevante. Não tinha um currículo nada de especial, nem tinha que ter. O problema é ter, como ministro, a prioridade na Educação e não no Ensino Superior e na ciência. O anterior

ministro negociava todos os grandes processos ligados à ciência e tinha muito mais peso político.

Concorda com colegas seus que dizem que o ministro Nuno Crato se deve demitir por haver uma disparidade grande entre o programa do Governo e o que está a ser praticado?

Com base nisso, havia consequências a tirar. Não sei se era a demissão, mas algo tem que mudar na ciência porque se demorou muito tempo a pôr Portugal no mapa. O Governo decidiu fazer estratégias nacionais de especialização inteligentes quando Bruxelas pedia estratégias regionais. Está-se sempre a inventar maneiras de fazer “spill over”. Parece-me que estamos outra vez nesse caminho, com muito mais perigo e muito mais centralização do que antes. Se eu tiver um projeto da FCT numa região de convergência, 30% é pago pelo Orçamento do Estado e 70% pelo FEDER. Se eu tiver o mesmo projeto em Lisboa, 100% é pago pelo OE.

Partilha a acusação de que a agenda do Governo é esvaziar a participação do Estado na ciência e favorecer privados?

Há uma tendência que nos podia levar a pensar isso. Mas é ainda mais grave a ideia de que, por termos instituições privadas de qualidade, a ciência deve estar fora das universidades. A base da ciência em Portugal continuam a ser os centros de investigação de excelência e os laboratórios associados das universidades, em nada inferiores a esses centros privados tão em voga. Não há instituições mais bem geridas do que as universidades.

Um país em austeridade não tem de cortar também na ciência?

Noutros países sob resgate, como a Irlanda, não foi preciso cortar na ciência ou no Ensino Superior, nem penetrar na autonomia universitária para criar um país mais com-

ENTREVISTA // RUI REIS

Diretor do grupo 3B's do Minho avisa que ao retirar meios aos seus investigadores, Portugal vai impedi-los de competir com outros na captação de fundos

Por Dora Mota





centro que mais fundos internacionais capta - 3,64 euros de financiamento captado por cada euro português investido. Fez toda a sua carreira em Portugal, embora viaje em trabalho grande parte do ano.

petitivo. Os valores em causa não são da dimensão que se ouve falar. Se o Estado pagasse mais mil bolsas de doutoramento e mais mil de pós-doutoramento, gastava mais 30 milhões de euros. Só em cotas de instituições internacionais paga 50 milhões.

Mas essas contas não têm de ser pagas?

Sim, mas ainda neste último programa-quadro Portugal meteu mais dinheiro no orçamento de investigação de Bruxelas do que aquele que os nossos grupos foram capazes de ir buscar. Portanto, somos financiadores líquidos da ciência que se faz em Inglaterra, na Alemanha... Eu se fosse responsável preocupava-me imenso se não criássemos condições para que os nossos grupos fossem capazes de ir buscar pelo menos o dinheiro que lá põem. Se o sistema científico for mais frágil e atacado por todos os lados, vai ser ainda menos competitivo. É preciso fazer as contas em relação ao que se tirou cá e ao que não se foi buscar lá. Estamos a falar de muito pouco dinheiro, comparado com outros investimentos de menor utilidade.

Que modelo de financiamento podia resultar em Portugal?

Há muitos modelos, mas para implementá-los era preciso ter decisores políticos que tivessem experiência real em trabalhar com empresas, em proteger propriedade intelectual, em perceber a relação entre universidades e empresas. Aqui fala-se em fomentar a I&D nas PME, mas as PME não têm essa capacidade, precisam dos centros de investigação das universidades.

Deviam ir a centros como o 3B's buscar esse conhecimento?

Faz muito mais sentido. Isso já acontece com muitas empresas internacionais. Temos aqui um projeto com a L'Oréal, que tem mil investigadores, mas o que precisa não é a especialidade deles e nós somos o que o fazemos melhor. Nos Estados Unidos, os professores são estimulados a trabalhar com empresas; aqui, um professor que não esteja em exclusividade perde um terço do salário. Podemos ter projetos com empresas, mas ser contratados por elas ainda é bastante estranho no nosso sistema. ●

“Disse ao presidente da Câmara que ia trazer o mar a Guimarães”

O que significou receber o Prémio Clemson, o “Oscar dos biomateriais”?

Tem um sabor especial por ser um dos mais importantes prémios do Mundo na área dos biomateriais e por ser atribuído pela maior sociedade mundial nesta área. É muito difícil alguém ser considerado o melhor nos EUA nunca tendo lá trabalhado, nem como visitante! Isto é ainda mais verdade quando o prémio se refere às contribuições para a literatura científica, onde os americanos costumam ser imbatíveis.

Sente-se tentado a ir trabalhar noutra país?

Tive convites muito interessantes, mas quando se chega a um determinado grau da carreira, já não se tem tanta liberdade. Às vezes, há oportunidades que não se podem perder, mas as pessoas continuam a querer fazer coisas. Não encontra um nome de um cientista muito conhecido que tenha saído, há um conjunto de pessoas que mesmo com estes problemas todos continua por cá.

Quais são os desafios do grupo 3B's?

Temos dois dos quatro maiores projetos de sempre em Portugal. Um é a bolsa do European Research Center e o outro é um projeto de nanomedicina, chamado Polaris. É dos maiores de sempre, com um orçamento de 3,2 milhões, só da Universidade do Minho [UM]. Temos projetos na área do mar, no espaço euro-atlântico, de aplicação de materiais marinhos.

E a UM não está na costa...

Isso não é importante. Uma vez disse ao presidente da Câmara de Guimarães que ia trazer o mar até aqui e ele riuse, mas depois percebeu. A valorização de recursos marinhos para aplicações de alto valor acrescentado pode ser feita em qualquer lado e não estava a ser minimamente aproveitada. Vamos reforçar isso ainda mais e criar um departamento na UM ligado ao mar. ●



ENTREVISTA P.6
RUI REIS, DO GRUPO 3B'S DA UMINHO

**“Somos
financiadores
da Ciência de
outros países”**

